

CASTIGO COMO MÉTODO DE APRENDIZAGEM UMA HERANÇA COLONIAL QUE CONTINUA A OPRIMIR O APRENDIZADO DO ALUNO.

Eduardo Candeia Tchivunda¹
Ricardo Ossagô De Carvalho²

RESUMO

A escola angolana ainda carrega marcas de um modelo disciplinar herdado do período colonial, no qual o castigo físico, a humilhação e a ameaça funcionam como instrumentos de controle do aprendizado, reproduzindo relações de autoridade que vêm da dominação portuguesa. O trabalho analisa os impactos psicológicos e pedagógicos dessas práticas, comparando-as com abordagens de ensino mais humanas, críticas e dialógicas. Trata-se de um ensaio teórico-reflexivo, de abordagem qualitativa e base bibliográfica, construído a partir de referenciais da crítica decolonial e da pedagogia crítica africana. Para isso, recorre a uma narrativa ficcional baseada em situações comuns nas escolas angolanas e à análise de uma produção audiovisual popular, usada como retrato da realidade educacional do país. Os resultados mostram que a punição não ensina, apenas afasta essa prática está ligada ao abandono escolar, ao sofrimento psíquico dos estudantes e à inibição da participação em sala de aula, o que dificulta a disposição do aluno para arriscar intelectualmente e construir conhecimento por conta própria. Nota-se que a violência escolar recai com mais força sobre estudantes cujas referências linguísticas e culturais fogem do padrão valorizado pela escola, aprofundando desigualdades ligadas à língua, à cultura e à origem social. Há um ciclo de repetição entre gerações professores formados sob métodos autoritários tendem a repetir, com os próprios alunos, a mesma lógica punitiva vivida enquanto estudantes. Conclui-se que a violência pedagógica em Angola não vem de decisões isoladas de professores, mas de estruturas históricas, institucionais e políticas moldadas pela colonização, que tornaram a dor algo naturalizado como método de ensino. Romper com essa herança exige ações conjuntas do Estado, das escolas e das famílias, como formação continuada de professores, mecanismos de fiscalização e denúncia, e revisão curricular que deixe de repetir modelos eurocêntricos. O tema da Semana Universitária, voltado à diversidade, à inclusão e à transformação social, reforçou a compreensão de que a violência escolar não atinge todos os estudantes da mesma forma, pesando mais sobre quem tem língua, cultura e origem diferentes do padrão escolar. Essa percepção ajudou o trabalho a situar a superação do modelo punitivo como caminho necessário para se pensar uma escola de fato inclusiva.

Palavras-chave: Angola; violência pedagógica;; colonialismo; educação angolana; pedagogia crítica Escola.

Universidade de Integração da Lusofonia Afro-Brasileira, IH Instituto de Humanidades, Discente,
eduardocandeiacandeia@gmail.com¹

Universidade de Integração da Lusofonia Afro-Brasileira, IH Instituto de Humanidades, Docente,
cienciapoliticahoje@unilab.edu.br²